

Fernando Pereira Marques

«SAÚDE E FRATERNIDADE!»

A REPÚBLICA
POSSÍVEL
(1910-1926)

gradiva

Índice

<i>Introdução</i>	11
-------------------------	----

I

A REPÚBLICA: UMA «COUSA SANTA»

1. O sistema político antes da Revolução.....	15
2. O republicanismo	26
3. Depois da Revolução.....	38
4. O programa dos Democráticos.....	43
5. O programa dos Unionistas.....	47
6. O programa dos Evolucionistas.....	50
7. A estruturação do sistema político-institucional.....	55

II

O PESO DA REALIDADE HISTÓRICO-SOCIAL

1. A «adesivagem» e a reprodução do caciquismo.....	81
2. Bloqueamentos e rupturas no sistema de partidos.....	89
3. Os militares-políticos.....	103
4. O intervencionismo militar	114
5. A militarização dos conflitos	132
6. A radicalização político-religiosa	142

III

MUDANÇA E LUTAS SOCIAIS

1. Estruturas sociais e condições de vida.....	157
2. A dimensão social-classista.....	165
3. O movimento operário.....	168
4. A contracultura operária.....	180
5. Um «Cartel das Esquerdas».....	187

IV

O PROBLEMA ECONÓMICO-FINANCEIRO

1. Na «cauda da Europa».....	199
2. As classes «preponderantes» e um caso emblemático: os «malefícios» dos tabacos.....	210
3. As políticas económicas e os interesses dominantes.....	217
4. O código genético do capitalismo nacional.....	229
5. A tentativa «canhota» de «moralização» dos negócios.....	234
6. A política e o problema económico-financeiro.....	241

V

UMA RUPTURA MODERNIZADORA FALHADA?

1. Uma sociedade em produção e em mudança.....	247
2. O republicanismo à prova da República.....	252
3. Transformações culturais e técnicas.....	261
4. A actualização doutrinária do «Portugal Velho».....	273

VI

CONCLUSÃO

1. Ascensão e queda da I República.....	281
2. A República possível.....	287

<i>Bibliografia</i>	293
---------------------------	-----

Introdução

Este trabalho constituía de início um capítulo do livro que publicámos há uns anos intitulado *Sobre as Causas do Atraso Nacional (Contributos para uma Arqueologia)*¹. Por razões editoriais, foi retirado, e ao autonomizar-se acabou por ganhar um outro desenvolvimento. Mas o enfoque mantém-se. Não se pretende fazer (mais) uma história da I República. Tema que — graças, nomeadamente, às comemorações do centenário da sua implantação — tem merecido o interesse renovado de muitos investigadores, inclusive das novas gerações.

Utilizando uma metodologia sociológico-histórica, procura-se antes perceber em que medida esse período correspondeu a um processo de modernização que, inserindo-se no ciclo iniciado com a Revolução liberal de 1820, foi travado pela reacção desencadeada pelo pronunciamento ocorrido a 28 de Maio de 1926, donde nasceria o estado-novismo salazarista.

A História não tem um sentido nem é animada pelo Espírito do mundo hegeliano e, se os seus actores não são meras vítimas passivas das circunstâncias, a verdade é que a sua prática e os resultados desta prática estão condicionados por essas circunstâncias, por factores materiais e socioculturais que agem a vários níveis e nas várias instâncias. Deste modo, se se adoptar uma perspectiva comparada, a I República não foi muito diferente da generalidade de situações coetâneas noutras sociedades europeias

¹ Lisboa: Coisas de Ler, 2010. Um outro capítulo, que espero venha também a tornar-se livro, incide sobre o Estado Novo.

(para só falar destas), do ponto de vista da radicalização, da conflitualidade social e da instabilidade política, donde acabariam por surgir forças e regimes de carácter autoritário-totalitário. A queda da I República não é, portanto, imputável a «erros», a «faltas», a «desvios» — segundo as versões benignas —, ou à perversidade «jacobina», «anticlerical», «autoritária» dos políticos republicanos, segundo as versões neo-conservadoras de certos historiadores actuais que, de tanto detestarem as ideologias da mudança e da transformação, se imaginam novos Edmund Burke. Em termos mais simples, não foi a «bagunça» de que falam alguns textos referindo-se a esse período, o caos ou a catástrofe que a propaganda salazarista descrevia e que ainda vários sustentam, nem foi uma «Cousa Santa» traída por militares e por um ditador.

Foi a República possível num país a braços com realidades estruturais que o continuavam a manter naquele lugar, algo desagradável, da «cauda da Europa», e que se deparava com forças e dinâmicas em muitos aspectos contraditórias. A industrialização era incipiente e o desenvolvimento atrofiado, comparativamente com outros países até de idêntica dimensão. Mas houve um Partido Socialista fundado pela mesma altura do que viria a ser o SPD alemão, não obstante o movimento operário, propriamente dito (maioritariamente composto por artífices de mesteres tradicionais), escapar à sua influência e acabar por ser hegemónico pelo anarco-sindicalismo; quase em simultâneo, surgia e expandia-se uma corrente política tornada movimento social modernizador que se centrava na ideia de República. Ideia que se sobreporia à de Socialismo, mobilizando, transversalmente, classes e estratos sociais diversificados, ao ponto de eliminar em profundidade, institucional e culturalmente, uma Monarquia secular. No entanto, não conseguiria consolidar um sistema político democrático e uma base social suficientemente ampla que o suportasse.